

## CAPÍTULO XVIII

SENTADA DEBAIXO da mangueira do quintal, tendo ao lado a Mariana a cachimbar em silêncio, Florzinha trocava os dedos a entretecer seu croché. A sombra era fresca e leve, como se a gente estivesse envolvida numa nuvem caída, numa daquelas nuvens pardacentas, oureladas de ouro, que em breve desertariam do céu por onde rolaria longos meses, solitário e flamejante, o carro ígneo do estio. Todos os arbustos efêmeros amareleciam e desnudavam-se sob a iminência da morte; mas o penhor da ressurreição já estava confiado à guarda fiel da terra fecunda e discreta. Algumas folhas mortas caíam também da fronde espessa da mangueira; mas outras novas surgiam das pontas dos galhos na inconsciente proliferação da vida. A fofa muralha de melão-de-são-caetano, traspassada das setas do sol, esburacara-se toda, e através das numerosas brechas via-se a rua lá fora com seus raros e lentos transeuntes.

Alguns desses passantes, casualmente talvez, olhavam pelas abertas da cerca e fitavam a moça com indiscreta curiosidade. Uma mulher parara mesmo para contemplá-la à vontade, e Florzinha, cravando os olhos no croché e com uma visagem de enfado, resmungou para Mariana:

— Aquela mulher nunca viu gente?

— Deixa, Fulô, não é por mal; é porque querem ver a noiva do doutor.

Florzinha nada disse e baixou os olhos, muito admirada de ver que a própria plebe da terra se interessava pelo seu casamento. “Não é por mim, pensou; deve ser por ele.” E então julgou compreender bem a sensação profunda que esse acontecimento despertava por toda a parte. Mas, ao mesmo tempo que sobre as suas feridas mal fechadas se derramava um certo desvanecimento mitigante, vinha-lhe o vexame dessa ruidosa publicidade, que fazia dela o assunto de todas as conversações. O antigo remanso em que vivia antes transformara-se num sítio de exibição: era como aquele retiro do quintal, onde não podia mais refugiar-se, para cismar sem ser vista pela gente estranha que passava do outro lado.

O que Florzinha não sabia era da colaboração indireta da professora no estardalhaço da bisbilhotice comadresca: para a maldade inata da opinião o mais picante do caso era o abandono da amante e a sua reabilitação pela generosidade do cordato pernambucano.

A Mariana, que só saía de casa para ir à missa uma vez por semana, e parecia mais bronca em sua velhice laboriosa, tinha ao

serviço de sua não suspeitada curiosidade uma espontânea reportagem feita pela criadagem de outras casas, que lhe vinha às escondidas pedir conselhos e remédios ou simplesmente dar à língua por puro entretenimento. Às vezes precisavam em casa da preta velha para um serviço qualquer, e encontravam-na a um canto do quintal a dar audiência a um agente da sua polícia doméstica. D. Claudina tolerava-lhe o fraco e a brincar chamava-lhe de feiticeira.

— Sabes? disse a preta, enunciando o pensamento final da série que desfiara no silêncio de um momento: a professora também vai casar.

— Sim? com o pernambucano?

— Com quem hávera de ser? Nem ela achava outro aqui como ele: é praciono e tem dinheiro à ufa.

— Mas é velho?

— Quá velho! Muito durão ainda e bem bonito home. É viúvo mas não tem filhos.

— Nunca o vi.

— E o teu doutor quando volta?

Florzinha corou fortemente e fez um gesto de ignorância.

A preta entrou a puxar pelo cachimbo, que começava a apagar-se, e ficou de olhos parados numa direção vaga, sinal certo de que se dava em seu cérebro a evolução de um pensamento importante.

Florzinha adivinhou esse pensamento, e quase que lhe seguia todas as peripécias: primeiro era a dúvida sobre o regresso de Alípio para cumprir seu compromisso; depois, verificando-se o casamento, a partida da menina para essas terras longínquas, a tristeza que ficaria naquela casa e no seu coração de mãe-preta, que não a veria mais nunca, nunca! depois, a situação difícil com os parentes da Varjota, o Cazuza atirado por esse mundo de Deus, morto talvez nos seringais do Amazonas... Neste ponto a Mariana interrompeu-se, e voltando-se para a rapariga:

— E teu primo?

— Vai para o Amazonas, dizem.

No fundo da indiferença afetada destas palavras havia um recalçado, um quase instintivo sentimento de desforço. Quando se sofre, há certa voluptuosidade cruel em fazer sofrer também. Para o nosso egoísmo, a dor própria é a única que nos interessa, e, fora dela, todas as outras se amesquinham, se diluem, tornando-nos surdos aos reclamos da solidariedade humana. Mendigo não dá esmola a mendigo. Visto que lhe fechavam o templo onde murmurara as primeiras preces do amor, o melhor caminho a seguir era o que mais a afastasse daquele sítio juncado das folhas secas dos seus sonhos. Não, não havia de sacrificar-se ao bem-estar alheio para

ficar ali como testemunha dolorosa de uma ventura construída sobre os destroços da sua. Iria mundo afora pelo braço desse outro que a amava talvez, e que talvez viesse a amar um dia com esse afeto humilde e abnegado com que uma mãe sem filho ama o filho alheio confiado aos seus cuidados. Alguma coisa de irrecuperável se perdera, porém, para o seu coração, com a desilusão primeira, como as folhas novas dessa mangueira que a cobria perderam o seu tom infinitamente tenro, fresco e melindroso, para se confundirem no verde vulgar e uniforme da copa. Mas isso — quem sabe? — era mais da vida, mais do tempo, talvez, que da natureza particular de sua decepção. A sua ingenuidade de pequeno ser insonte e amorfo já sofrera os primeiros toques da experiência, e uma verdadeira alma de mulher, com todos os seus imprevistos lineamentos representativos, se ia modelando rapidamente dentro dela. Há sempre no homem uma persistência sensível dos traços morais da infância; na mulher, porém, esses traços, como as folhas iniciais das plantas cotiledôneas, nada deixam antever do que será a individualidade futura, e mesmo os progenitores e pessoas mais íntimas experimentam grandes surpresas verificando a profunda transformação moral por que passa uma menina que se faz mulher.

De sua nova alma de adolescente apenas sabia a mãe, e não tão fundo como imaginava, pois que ainda lhe supunha feições da infância e da adolescência, quase de todo perdidas, ao passo que, externamente, ela era a mesma criança, aumentada, como vista através de uma lente.

A sua primeira afeição viera da infância e se prolongara pela puberdade, silenciosa e recatada, tão naturalmente como envolviam as suas formas, nimbadas do grande mistério da inocência, como uma planta na sombra de uma caverna, em cujo fundo nascera; chegada à luz, ereta medrosamente à superfície do coração, percebida afinal pelos olhos maternos, um sopro da fatalidade lhe arrancou, sem um protesto da criatura que a semeara. Muito chorou e sofreu em silêncio, sem poder queixar-se a ninguém, sem poder exprobrar a esse homem a sua indiferença e a sua fraqueza. Passada a crise do primeiro infortúnio, a sua alma estava transformada, e já não borbularia o pranto sem motivo, o pranto insípido com que as crianças arremedam instintivamente a dor. O reagente das primeiras lágrimas amargas dera outro tom e outras propriedades ao seu ser íntimo e clarificara-lhe a compreensão do mistério continente de sua existência de mulher. Era já uma criatura longínqua essa Florzinha, que vinha sentar-se na sala, muito nervosa e séria, para ver passar o Matias, também nervoso e sério, olhando-a de soslaio e levando a mão com desazo ao chapéu, numa saudação rápida e

timorata. E quando despertou, assustada desse sonho tão vago e tão doce, a realidade a puxou para si num safanão brutal e patenteou, aos seus olhos estremunhados, um semblante de zombaria e de ódio.

Logo apareceu-lhe esse outro homem, impertinente com a sua galanteria amedrontadora como uma tentação funesta e formosa. Teve-lhe medo, detestou-o pela perturbação que trouxera à sua vida, pela inoportunidade de sua aparição no momento em que o seu primeiro afeto se integrava com o alvorejar hesitante e inefável de sua carne. Irritava-a ser contemplada com esse olhar afoito de mundano, com esse olhar cáustico e irreverente, que parecia queimá-la e despi-la sem respeito. E, contrastando com isso, o rosto bonito a sorrir eternamente, a voz macia e penetrante como uma lâmina disfarçada sob flores, a mão clara e bem tratada a traçar gestos que indicavam o hábito da carícia vencedora e sábia... Mas no seu coração convulsionado não quisera dar pouso a essa ave forasteira, pronta talvez a voar, a fugir, com um chilreio escarninho, quando a sua alma subjugada se abrisse para oferecer-lhe o pólen de ouro de sua ternura. É um latente sentimento de insubmissão, que estava no sangue caboclo dos Moura, protestara também contra a imposição de um senhor à sua vontade rompante e ansiosa já como a asa de uma águia jovem.

Era outra agora; caíra-lhe a venda dos olhos; via-se espoliada, traída, sacrificada à ventura alheia. Aceitar os extremos do tentador não valeria por uma represália? E havia também um consolo na superioridade social desse pracião formado, talentoso, belo e a quem todos pressagiavam uma carreira de triunfos. A inveja que despertava o seu casamento nas famílias da terra era-lhe um revulsivo para a decepção sofrida, tanto mais quanto dessa decepção nenhum estranho sabia, ninguém suspeitava a íntima catástrofe do seu amor, ficando assim ressalvado o seu orgulho da zombaria do mundo. Invejavam-na? Pois ela gozaria dessa inveja, faria dela um escudo para esconder o golpe que começava a cicatrizar, embora doesse ainda.

Demais, Alípio partira deixando-lhe a confiança de ser amada com uma paixão ardente e cobiçosa: ambos tremiam à despedida: ele de desejo exasperado pela separação; ela do temor pudico de se sentir desejada assim. Aquela mão cálida e premente em que a sua, fria e opressa, se demorara por instantes infinitos, dera-lhe uma sensação de força dominadora, exigente e empolgante, como a de uma garra que a cingisse toda, arrastando-a, subjugando-a, marcando-a com o estigma de uma posse antecipada. Esse contato revelara-lhe o homem, fizera-a perceber o animal entreadivinhado

e temido nas cismas em que malgrado se transviava, corando de si mesma.

O campo é o livro aberto da natureza, sem páginas vedadas, sem palavras subentendidas; é como uma Bíblia ao vivo, cheia de pal-pitação genésica da existência, expondo-a sem véu aos olhos sem venda. A grande verdade se patenteia à luz no mesmo esplendor pagão da Hélade, posto que o homem já não seja bastante puro para a contemplar sem vexame. Nas fazendas pastoris, o espetáculo da reprodução assume a vulgaridade das coisas naturais, e é da fecundidade dos gados que depende a fortuna dos criadores. É impossível guardar a inocência nesse meio em que o instinto das bestas afronta a cada instante as convenções da pudicícia humana, sem entretanto conspurcar a pureza dos costumes: somente a hipocrisia, que é a paródia da virtude nos centros civilizados, não pode ter guardada em espíritos educados nessa escola realista, onde o mal não se mascara para aguçar a curiosidade das criaturas. Eva se cobre com a folha de parra porque já está prevenida contra o engodo da serpente, e de tudo o que vê tira forças para defender a sua virtude: com a ciência do mal vem-lhe a consciência do dever, raramente transgredido nessas rudimentares sociedades de tradicional virtude. O amor ali participa igualmente do instinto e do sentimento; não é essa nevrose desfibradora, essa excitação cerebral que traz as rodas mundanas num estado de cio perene e as faz, como ponto extremo do aperfeiçoamento animal, regressar aos hábitos dos seres primitivos, colocados no extremo oposto.

Na contemplação direta da sã natureza e na convivência da prima, Florzinha trocara a sua ignorância incauta por uma castidade apercebida e, portanto, mais resistente: com a queda das asas os braços se tornaram mais aptos para o amplexo e para a defesa. Uma nova consciência de sua missão, uma visão mais nítida do caminho a seguir, um conhecimento mais inteligente dos seus encantos fizeram dela a virgem forte, inacessível às surpresas, imune para os venenos do vício. O casamento deixou de intimidá-la como a prática estranha de um rito misterioso, e apenas a impressionava como o pagamento de um tributo comum de seu sexo à natureza. Faltava-lhe de todo a intuição voluptuosa que perturba a serenidade das vidas jovens e as flagela com as suas imperiosas exigências. Compreendia então o amor sem senti-lo. Poderia ter vivido indefinidamente, medrar, declinar, envelhecer na situação em que estava antes do contato revelador, sem o sacrifício dos sentidos, realizado estoicamente pelas vítimas dolorosas da virgindade perpétua. Mas a garra do tentador, cravando-se-lhe na carne tranqüila e dormente, transmitira-lhe o pólen de fogo, e desde então o pensamento da reclusão no colégio

se lhe mostrou inviável. Compreendeu a repugnância veemente que a mãe revelara pelo enclausuramento. . .

O dia da partida do noivo fora o seu Pentecostes: a língua de chama penetrara o seu corpo e o transformara numa lâmpada de amor, que só se arrefeceria com o frio da velhice ou da morte. E o clarão interior queimava-a em noites de insônia e se lhe coava denunciador, iniludível, através das faces esbraseadas e dos olhos chispantes, a despeito da sombra de tristeza que lhe caía da fronte meditativa. Ela era a leira arroteada, tépida e úmida, sucessivamente aquecida do sol da esperança e rorejada das lágrimas condensadas no cérebro, como vapores que subissem da efervescência do sangue. Seu coração batia numa cadência nova, marcando o ritmo do poema da adolescência; seu organismo vibrava como uma planta em flor agitada pelo remoinho caricioso e alegre das brisas primaveris; e cada gesto seu como que produzia no ar o farfalhar sedoso de jovens plumagens desfraldadas no surto afoito dos primeiros vôos.

Mas em redor dela a natureza agonizava nos paroxismos dos fins das águas. As jiteranas já não agitavam as suas campânulas de azul-lilás dentre as ramas que subiam em volutas pelas colunas da varanda, e as balsaminas, como no mês da Virgem, já não abriam suas boquinhos frescas e perfumosas em sorrisos de garridice angélica. As graúnas ainda cantavam à tarde no imenso tamarindeiro que ali bem perto subia para o céu ermo e profundo; mas a copa da grande árvore se deplumava no alto, pondo a nu a galharia intrincada e miudinha, na qual aquelas aves se destacavam, muito negras e muito pequenas, a entoarem a nênia da estação morta. Esgarçara-se a bruma levíssima que atenuava a crueza da luz; as serras vizinhas, tocadas da claridade moribunda do sol, acusavam, nas saliências dos seus contrafortes, as mínimas particularidades das rochas, dos caminhos, das culturas, das vivendas lampejantes, e ao alto estampava, num fundo cinzento, a linha dos cimos arrepiados de frondes e espetados de longe em longe pela haste fina e direita de uma palmeira em ressalto. Um tom neutro e soturno dominava o oriente, enquanto o poente, todo em fogo, corroía os contornos caprichosos dos formidáveis torrões de nuvens por cujas seteiras se derramava a luz como jorros de metal em fusão.

O sino bateu tardonho e trêmulo as três primeiras notas da Ave-Maria. Mariana largou o cachimbo, sacou o rosário do pescoço e curvou-se toda para rezar. Florzinha rezava também com um misticismo fervente e dolorido. E, finda a prece, deixou-se ficar absorta, inconsciente da progressão vagarosa da sombra, num torpor ao mesmo tempo incômodo e deleitoso, com uma doce vontade de morrer. A mãe chamou-a afinal de dentro, e ela se recolheu, se-

guida de Mariana, a arrastar trôpega e curva a sua velhice afadigosa. Dentro em pouco os vizinhos foram chegando, e formou-se na calçada a grande roda de costume. Florzinha pôs a sua cadeira à entrada sob pretexto de resguardar-se do sereno. Na vasta praça, inundada de vivíssimo luar, toda a meninada da rua brincava ruidosamente a manja, alegrando com seus gritos e as suas correrias a cidade modorrenta, envolta no ar leve e tépido da noite. Falaram familiarmente da partida do doutor, indagaram do seu regresso e da época do casamento. A professora estava de viagem também, e o noivo já regressara para o Recife.

Florzinha ouvia numa aparente distração a conversa e seguia com o pensamento o itinerário do noivo, desde esse aperto de mão em que havia a veemência de um abraço tacitamente negado. Inconscientemente punha-se a representá-lo, formoso e distinto, com o seu sorriso triste e cheio de promessas afetuosas. “A professora está de viagem”, dissera uma pessoa na roda; ela notou então a coincidência dessas duas partidas para a mesma terra e quase ao mesmo tempo. Seu coração deu de encontro ao peito o rebate de uma súbita desconfiança. Embora lhe chegassem muito atenuadas aos ouvidos as histórias da intimidade de Alípio com Bilinha, a sua qualidade comum de praciano, a recordação da festa do Chico Herculano levava-a a considerar sobre a semelhança de educação dos dois forasteiros, com a sua desenvoltura graciosa do gesto e da palavra; e, por ocasião da famosa valsa, lembrava-se de ter ouvido alguém murmurar com desvanecimento: “Que lindo par! Devia sair daqui para a igreja!” Sentira-se humilhada então na sua inferioridade de mocinha matuta e invejava intimamente os dotes da praciana, que antes lhe parecera frívola e pedante. Preso embora cada um por um compromisso diferente, iam os dois encontrar-se agora na Capital, e... O prosseguimento de suas cogitações era árduo e confuso para o seu pensamento timorato, receoso sempre de aprofundar certas situações, de cujo limiar sua consciência a fazia voltar com um austero gesto de censura. Procurou pensar noutra coisa, tomou parte na conversa, rezou à noite até fatigar-se e adormeceu rezando, mas o pensamento impertinente lhe voltava a miudo como uma mosca ideal que lhe pousasse sucessivamente no cérebro e no coração.

Florzinha não se podia iludir mais: a pungitiva sensação que experimentava de quando em quando, como uma nevralgia moral, era o ciúme. Já o sofrera bem mais dolorosamente quando despira o coração desse afeto, em cujo brando agasalho ele se formara para o amor, como para voar se forma a larva no casulo. Amara um fraco que não ousara disputá-la à prepotência paterna, que lhe fu-

gira ao primeiro aceno de outra mulher, e, entretanto, o seu orgulho não teve forças para anular a dor dessa decepção. De novo sofria, agora por um homem que começava a amar justamente quando o deixara de ver. “Não gosto de noivos que viajam”, dissera a mãe, repetindo um lugar-comum sagrado pela experiência de muitas gerações. A princípio lhe era indiferente e até preferível que ele não voltasse; mas agora o seu amor próprio, a sua carne desejavam o contrário. E a outra ia talvez arrebatá-lo, e ela seria a eterna criança espoliada, ludibriada, condenada ao abandono e à chacota daquela sociedade odiosa e cruel. . .

E os dias passavam iguais, monótonos, intoleráveis, como gotas d’água a caírem regularmente no mesmo ponto de sua cabeça enfebreçada. O viço do seu corpo esmaecia como a seiva das plantas devoradas lentamente pela febre do verão. A natureza trocara o manto verde da esperança pelo burel amarelo do desespero, e esse logo se desfazia em farrapos, que o vento espalhava em revoadas fúnebres pelo solo estorricado. Veio afinal uma carta do noivo falando de sua chegada, de suas esperanças, do seu regresso. E novos e longos dias de silêncio negros se sucederam. Seus pais, já inquietos, não se atreviam a distraí-la de sua tristeza. Mariana transmitia-lhe os comentários apiedados ou zombeteiros dos estranhos. A convicção do seu abandono apossava-se dela como a desgraçada certeza de um mal incurável, e o seu semblante foi tomando essa expressão de torva melancolia peculiar aos condenados sem remédio.

Veio depois outra carta de Alípio, breve e desanimada: não achava colocação conveniente na Fortaleza e era indispensável uma viagem ao Rio de Janeiro. O padre escrevera também, comunicando a sua nomeação para a Capital; só viria a Ipuçaba para fazer o casamento de Florzinha. Estas cartas foram trazidas por um parente do padre, cuja bagagem viera buscar.

Um dia, grande número de pessoas de Ipuçaba seguiram para a Varjota a fim de assistir à festa do duplo casamento da filha e do filho do capitão Galdino. Da casa de Asclepiades apenas este lá foi. Luizinha escrevera à prima, participando o seu próximo enlace e lamentando que à sua felicidade “faltasse a presença da querida priminha, a quem havia de querer sempre e cuja felicidade pedia todos os dias a Nossa Senhora dos Remédios”.

A flora sucumbira de todo aos golpes da canícula. No céu, ermo e flamejante, apenas se divisavam ao cair das tardes as nuvens pressagas das pombas mensageiras da seca. Ao longo dos caminhos que traziam à cidade, raras folhas verdes davam um sinal de vida da terra, sucumbida à hipnose do sol. O rio já não corria sob a grande ponte vermelha, e mostrava o acolchoado dos seus bancos



de areia grossa cravejada de malacachetas fulgurantes. Bocas invisíveis e insaciáveis haviam sugado a linfa azul das lagoas transformadas em extensões côncavas de argila gretada e cinzenta. Somente a floração do céu ganhara em abundância e esplendor. Noites fantásticamente estreladas se arqueavam sobre o sertão, que ofegava como uma alimária tombada de estafamento. O céu negro e coruscante de sóis a pesar sobre tudo, como a abóbada de uma gruta povoada de pirilampos, era cortado de quando em quando pelo espasmo rútilo dos bólides. O aracati, bafo noturno da terra febricitante, vinha agitar as cinzas mortuárias da vegetação numa sara-banda macabra, e ululavam pelos telhados as salmodias do grande aniquilamento. . .

Florzinha continuava a esperar, porque continuava a viver. Na sua frente se crestavam pouco a pouco as louçanias da mocidade, e essas não voltariam com o verdor e as flores da futura estação. Seu corpo era ainda a lâmpada que se acendera para o Pentecostes do amor; mas a chama interior doidejava batida por um sopro que tentava extingui-la, deixando às vezes na sombra do desespero seus olhos, que já não choravam. Exaurira-se-lhe o lacrimal, como as fontes dos campos: reinava também o verão em sua alma, esterilizando-a para as florações do sonho. Seu coração se ressecara como esses torrões agrestes onde só medram os cardos, que não precisam do orvalho para medrar e ferir.

Eles medravam e feriam já, e à sua picada contraía-se-lhe o semblante, formando sulcos efêmeros, mas sempre os mesmos, como para esboçar de antemão as engelhas perpétuas da velhice. Se ele não viesse mais, entraria uma nova vítima para o martirologio branco das invioladas, das tristes flores humanas a que nunca chegou um raio fecundante de sol. . . Ela se afundaria no pego do abandono com sua alma viúva, repleta de afetos incompreendidos, e, como uma nau carregada de tesouros, desceria ao fundo do oceano, singrado de corações aventureiros, sem poder, com sua opulência inútil, matar-lhes a sede de felicidade. O coração das virgens morre sem testamento, porque morrem com ele todos os seus dons e graças.

Os dias passavam longos, mortalmente longos, no abrasamento daquele céu sem nuvens e daquela terra sem folhas, trazendo-lhe alternativas de vagas esperanças e de desalentos cada vez mais profundos. Seu corpo jovem arquejava às vezes como um anho<sup>25</sup> branco que se sente levar para a morte, sem um balido de protesto ou de mágoa. Ela tremia pensando no dia, próximo talvez — quem sabe?

---

<sup>25</sup> A palavra, de requintado eruditismo, saiu composta como *anjo*, na edição de 1965. Do latim *agnus: cordeiro, borrego*.

— em que havia de acordar sem esperança, sem essa esperança que ainda vivia nela, não como uma florescência espontânea e consoladora d'alma, mas como uma parasita de sua carne, a exaurir-lhe a seiva, cada dia mais vorazmente, e até matá-la e morrer. O noivo e a amante tinham-se ido em busca de climas mais amenos e propícios, fugindo de plaga em plaga, como aves de arribação, que voam livremente para onde as atraem as louçanias da primavera. E ela ficara ali, no fundo daquele triste lar povoado dos espectros dos seus sonhos, para ser um dia conduzida, mutilada d'alma, inútil para a vida, à cela fria de um claustro como uma inválida do amor. . .